

Seção de Livros

REFÉM EM PEQUIM



Condensação de um livro de

Anthony Grey

meaduras da primavera, o fogo passou a concentrar-se nos diplomatas indonésios. Em seguida foi a vez dos ingleses. "Acho que você também deve estar preparado para encenação", preveniu-me um amigo.

Lembro-me de que na hora achei que dificilmente seria envolvido. Não tinha ligação com o meu governo. Chegara a Pequim em março de 1967 como correspondente da Reuters, a agência de notícias inglesa, para informar sobre os Guardas Vermelhos e sua chamada "Revolução Cultural". Esses jovens fanáticos comunistas atacavam abertamente tudo o que consideravam "burguês" ou "antipartido". Apoiados e estimulados pelo próprio Mao Tsé-tung, invadiam as ruas, tosando os cabelos das mulheres, rasgando calças justas à moda ocidental, fazendo absurdas e peremptórias exigências à população. As manifestações contra os estrangeiros eram parte de suas atividades.

A ação contra os ingleses começou na noite de 15 de maio, quando hordas chinesas começaram a desfilar diante dos portões da Missão aos gritos de "Enforcem Wilson!"* Em três dias passou por ali cerca de um milhão de manifestantes. Queimaram em efígie o Primeiro-

Ministro Harold Wilson e cobriram os muros da Missão de cartazes com dizeres de "Abaixo o Imperialismo Britânico!"

Com surpresa descobri que a casa em que eu morava, a uns cinco quilômetros de distância, era também alvo de protesto. Um "tigre de papel" de 1,20 m de comprimento, com uma cartola à John Bull, pendia do telhado recurvo do portão do meu pátio, e a fachada de minha casa estava coberta de cartazes anti-ingleses—"Os imperialistas britânicos são tigres de papel" e "Cobremos aos imperialistas britânicos nossas dívidas de sangue." Eu próprio fui importunado nas ruas por Guardas Vermelhos e garotos que me ameaçavam com os punhos.

Houve alguns dias de tranqüilidade depois dessas demonstrações, mas logo a seguir notícias inflamatórias, difundidas pela Agência Nova China, tornaram a provocar desordens. Simultaneamente, a Mongólia incorreu na cólera chinesa; como a Embaixada mongol ficava muito perto da Missão britânica, os manifestantes puderam matar dois coelhos com uma cajadada. Seguiram-se novas e violentas ações contra as Embaixadas da Bulgária, da Índia e da Birmânia. E em 17 de junho as ruas de Pequim encheram-se de milhares de pessoas que festejavam delirantemente a primeira explosão de uma bomba de hidrogênio chinesa.

Como parte do meu trabalho, acompanhei esses acontecimentos e

* A Grã-Bretanha, embora mantenha relações diplomáticas com a China Vermelha, preferiu não ser representada lá por um embaixador. A Missão britânica, chefiada por um encarregado de negócios, está instalada em Pequim num conjunto murado de dois prédios.



Última foto de Grey antes de prisão, diante de sua casa em Pequim.

Pictorial Parade

sobre eles enviei telegramas para Londres. Mas minha liberdade de ação ia sendo limitada cada vez mais. Além da vigilância permanente, meu tradutor me abandonou, e minha copeira, minha cozinheira e meu chofer entraram em greve. Vi-os mais de uma vez entre os manifestantes reunidos diante da Missão inglesa, gritando contra mim quando eu entrava e saía.

Mais adiante, em fins de junho, senti os primeiros efeitos iniludíveis da ação oficial dirigida contra mim. Foi por ocasião da visita oficial do Presidente Kenneth Kaunda, de

Zâmbia. Todos os demais correspondentes foram convidados para recebê-lo no aeroporto e depois para um banquete. Eu fui excluído. Quando indaguei a razão, recebi a resposta: "O senhor sabe muito bem por quê."

Foi a essa altura que decidi seguir a sugestão do meu escritório central em Londres: viajar para Tóquio e lá esperar que a atmosfera se desanuviasse. Comprei minha passagem para o dia 11 de julho. Tive, porém, de adiar a viagem devido a uma desconcertante notícia de Hong Kong. No dia 8 de julho cinco policiais daquela colônia inglesa foram mortos por comunistas chineses do outro lado da fronteira. A pedido de Londres, eu fiquei para cobrir quaisquer repercussões em Pequim dessa nova deterioração nas relações sino-britânicas.

Quando quis marcar minha passagem para o dia 12 era tarde demais. Na noite anterior, o repórter Hsueh Ping, da Agência Nova China, fôra prêso em Hong Kong por estar envolvido em distúrbios e acusado de participar de reuniões clandestinas. Com uma estrita consideração pela reciprocidade, ao que parece, o Governo chinês decidiu impedir que eu saísse do país. Minha conversa no Serviço Turístico Chinês, na Avenida da Paz Eterna, merece ser reproduzida.

—Quero uma passagem aérea para Cantão—disse eu, dando o meu nome.

—Não há lugar.

—E na semana que vem?

—Não há lugar.

—E uma passagem de trem?

—Também nos trens não há lugar.

Dirigi-me rapidamente para o escritório da linha aérea comercial estatal, a alguns quilômetros dali, do outro lado de Pequim.

—Há lugar para Cantão?—perguntei, calmo, sem dar meu nome.

—Sim, há muitos lugares—respondeu o funcionário.

Disse-lhe quem eu era e estendi-lhe a minha antiga passagem para ser substituída. Dez minutos depois êle voltou, explicando:

—O vôo foi cancelado.

Embora êles não o dissessem claramente, na verdade eu estava sendo objeto de negociação para a libertação de Hsueh Ping, que fôra condenado a dois anos de prisão em Hong Kong, a 19 de julho.

Dois dias depois fui chamado ao Departamento de Informação do Ministério do Exterior. Ali, numa discussão áspera, depois de recriminarem as autoridades inglesas e de Hong Kong, êles me comunicaram:

—A partir de agora o senhor deve ficar em sua residência e não se ausentar dela.

Perguntei quanto tempo duraria a restrição.

—Não há necessidade de dizer agora—responderam-me.

Minha primeira reação, por estranho que pareça, foi de alívio. Eu receara um julgamento com acusações fictícias de espionagem e uma pena de prisão. Na verdade,

uma prisão teria sido mais desejável do que a tortura que ia começar.

Loucura que Cresce

UM CHINÊS baixinho, de óculos, com uma blusa cáqui e quepe, do Departamento de Segurança Pública, levou-me até à porta do Ministério, e dali levaram-me para casa de carro. Lá me esperavam mais seis homens da Segurança Pública. Seriam os meus guardas.

Minha casa tinha dois andares. No de cima ficavam uma saleta, escritório, quarto de dormir e banheiro; no térreo, que dava para um pátio, havia a sala de jantar e uma área menor usada pelo meu ex-chofer e empregada. A casa ficava no centro de Pequim. De seu terraço eu avistava as altas muralhas cinzentas da Cidade Proibida, relíquia das dinastias imperiais chinesas.

Discuti com o chinês de óculos, que queria que os guardas ficassem dentro de casa. Depois de consultar seus superiores, concordou em que ficassem no pátio.

Subi ao andar superior para ver se o telefone ainda estava funcionando. Estava, e eu liguei para a Missão britânica para comunicar que me encontrava sob prisão domiciliar. A notícia foi transmitida para Londres e, naquela mesma noite, o Encarregado de Negócios da China foi chamado e o Foreign Office fêz um protesto contra a ação chinesa. Isso não alterou as restrições contra mim.

Nos dias que se seguiram, ten-

tei habituar-me à frustração, ao tédio e à depressão de estar prêso em minha própria casa. Eu tinha 27 anos e era um homem em pleno vigor, absorvido pelo meu trabalho. Agora via-me em total inatividade. No calor úmido de julho em Pequim fui-me sentindo prostrado. Após algum tempo comecei a acordar cedo e a ir para o terraço pular corda para manter-me em forma.

O teletipo que trazia as notícias da Agência Nova China ao meu andar térreo continuou a funcionar, o que me permitia, até certo ponto, manter-me a par dos tempestuosos acontecimentos na China. Para ocupar o espírito, eu continuava a escrever reportagens sôbre êles e dediquei-me a fazer um diário no qual anotava impressões e sentimentos.

Quase tôdas as noites eu jogava xadrez com um amigo pelo telefone. Arrumávamos os nossos tabuleiros e indicávamos um ao outro os movimentos por meio de números. Eu deixava o tabuleiro tal como ficava durante o dia, e quando meu gato Ming Ming descobriu isso, passou a deliciar-se espalhando tôdas as peças.

Ming Ming, que eu herdara do meu antecessor, era um bichinho meigo, marrom e branco, especialista em acabar com os *geckos*, as pequenas lagartixas que infestam as casas de Pequim durante o verão. Eu derrubava os *geckos* do teto com a antena do meu rádio de ondas curtas e Ming Ming saltava sôbre êles, devorando-os.

O gato gostava de brincar com uma bola de pingue-pongue, manobrando com ela até ao tópo da escada e acompanhando-a enquanto ela descia—bump, bump, bump—até embaixo. Depois ia ao meu escritório e ficava a olhar-me como para dizer: “Agora você vai lá e apanha. Depois eu rolo de nôvo.”

Como a maioria das pessoas que gostam de animais, eu ia. Ming Ming, realmente, era um bichano inteligente e carinhoso, e no meu isolamento passei a gostar muito dêle.

A vida continuou nesse ramerrão durante quatro semanas. Daí em diante, houve um recrudescer do sentimento antiestrangeiro. No dia 9 de agôsto, uma multidão ateou fogo ao carro do Embaixador da Mongólia e deixou-o em pedaços. A Embaixada da Indonésia foi parcialmente incendiada. Outras ações atingiram birmaneses, indianos, russos e italianos. No dia 18 de agôsto essa nova maré frenética atingiu-me.

Eu tinha ficado acordado até tarde aquela noite escrevendo uma reportagem sôbre as incessantes demonstrações dos últimos dias. Enquanto escrevia, eu ainda tinha a esperança de ser expulso da China. De repente ouvi uma barulheira lá fora. Fui até à janela e vi a avenida cheia de gente, todos olhando para meu portão. Eu ouvia ruído de batidas e gritos excitados. Estavam invadindo a casa.

Corri para telefonar à Missão in-

glêsa. Mas logo a seguir ouvi a multidão arrombando a porta, irrompendo pela casa e subindo a escada. Disquei o número: não tocava. Imaginei que o fio tivesse sido cortado antes do ataque. Mas nunca tive certeza disso. Naquele momento os primeiros Guardas Vermelhos, de



olhar esgazeado, entraram no meu quarto.

“Grey a Fôrça”

LEMBRO-ME de ter gritado estupidamente: “Saíam daqui!” O telefone ainda estava nas minhas mãos. Eles o tomaram de mim e arrancaram os fios da parede. Depois, seguro por dois Guardas Vermelhos, fui levado à fôrça pela escada abaixo. Uma multidão se aglomerava no pe-

quenopátio. Os Guardas mantinham minha cabeça baixa e me davam empurrões, enquanto os manifestantes gritavam slogans e me esmurravam. Jogaram-me tinta preta, que me ensopou tôda a roupa. Passaram-me cola nas costas e colaram nelas um cartaz de papel cõr-de-rosa.

Depois arrastaram-me para o alto de uma pequena escada que levava do pátio à porta da casa. Ali, por cima da multidão, fui impelido a tomar o que êles consideravam a posição correta para o resto do processo. Fizeram comigo o “avião-ajato”: a dolorosa posição de corpo dobrado em que são colocadas as vítimas quando públicamente acusadas de crimes antimaoístas.

Puseram-me de cócoras, enquanto minha cabeça era mantida para baixo, a cêrca de meio metro do solo, e meus braços eram repuxados para trás: algo semelhante à posição de um nadador no momento da largada.

Minha espinha logo começou a doer, mas quando eu tentava endireitar-me, um Guarda Vermelho a meu lado berrava, batia-me com fôrça no estômago e forçava-me a baixar novamente a cabeça. Outro fanático assegurava-se de que os meus braços fôssem mantidos para trás, bem esticados.

A multidão, que berrava furiosamente, calou-se quando um Guarda Vermelho começou a ler a lista dos meus “crimes”. Um tradutor gritava-os em inglês e, de vez em quando,

eu percebia as palavras por cima dos vivos que acompanhavam cada acusação.

—Você bebeu álcool em sua casa!
Pandemônio.

—Você desprezou o tigre de papel colocado junto do seu portão pelas massas revolucionárias!

Gritos frenéticos.

—Você andou furtivamente em sua casa!

Tumulto ainda maior.

Eu não tenho idéia de quanto tempo fiquei naquela posição. Daí a pouco pude ver o reflexo do meu rosto numa poça formada pelo meu próprio suor no degrau logo embaixo do meu nariz.

A gritaria era completada com o barulho de outros Guardas Vermelhos que me vasculhavam a casa. Quebravam quadros, espalhavam os livros, pintavam cortinas e móveis com grossas letras pretas, tanto em chinês como em inglês. Eu ouvia o quebrar de vidros, o bater de pregos...

Depois a multidão súbitamente se calou e meu torturador-chefe ordenou que me levantasse. Ao fazê-lo, vi o corpo de Ming Ming pendente de uma corda diante dos meus olhos. Senti uma grande fúria descontrolada ante a insensatez de tudo o que estava acontecendo.

Nos primórdios da Revolução Cultural os Guardas Vermelhos decretaram que os gatos e os cachorros eram animais de estimação da burguesia, incompatíveis com o estilo de vida proletário na China;

muitos foram mortos. Contemplando o mar de rostos à luz fraca do pátio, eu imaginava que todos estavam esperando sinais de pesar no meu rosto burguês; então, cerrei os dentes e olhei inexpressivamente... pelo menos esperei que assim parecesse. Depois fui forçado a curvar-me de nôvo, enquanto a multidão começava a gritar: “Grey à fôrca! Grey à fôrca!”

Houve mais acusações e três longas declarações, lidas sem tradução. Eu tentei duas vêzes aliviar minha posição, mas fui impedido violentamente. Entretanto, depois do que me pareceu um bom pedaço, consegui de algum modo, quase enfiando a cabeça entre os joelhos, retirar os braços das costas e deixá-los estendidos ao longo das coxas sem que ninguém notasse. Ou talvez, com a sua experiência do “avião-a-jato”, os meus captores soubessem exatamente quanto tempo alguém podia ficar naquela posição sem desmaiar.

Finalmente, com a espinha quase partindo, tive ordem para me levantar. Dali fui empurrado para a escada, onde estavam postados de um lado e outro ferozes Guardas Vermelhos. Notei que o Guarda do último degrau era uma môça, uma das mais bonitas que eu já vira na China. Tive a curiosidade de observar a expressão nos olhos de uma jovem linda que acabava de testemunhar a cruel humilhação de um estrangeiro por 200 chineses, e fitei-a intensamente ao passar por ela. Ela olhou fixamente para a parede do outro

lado, evitando o meu olhar.

Agrada-me pensar que ela não me fitou porque lhe repugnava tomar parte numa tal ação e que, como muitos outros chineses arrebatados por acontecimentos fora de seu controle, estava ali apenas porque era obrigada.

Quartos Escuros

O ESPETÁCULO no andar de cima era de pesadelo. A tinta preta escorria pelas paredes na escada, no quarto de dormir e no banheiro. Em chinês e inglês estavam pichando slogans como "Viva o Presidente Mao" e "Abaixo Grey". Até os lençóis de minha cama tinham sido pintados com caracteres chineses prêtos que diziam: "*Ta Tao Gerlai*" ("Abaixo Grey"). O mesmo cartaz colado nas minhas costas estava pregado nas paredes, na cama, no armário de roupa e em muitos outros lugares. A porta que dava para o meu escritório estava fechada e selada com largas faixas de papel ostentando caracteres chineses e sinêtes oficiais—a mesma coisa que eu vira diante das casas chinesas das ruas vizinhas, depois que os moradores tinham sido expurgados em nome da Revolução Cultural.

Fui conduzido através da casa pelos Guardas Vermelhos, que pareciam experimentar um prazer agressivo em me mostrar a desordem que tinham feito. Grandes retratos de Mao ocupavam os lugares de destaque em cada aposento. A cola escorria por toda parte. O espelho do

banheiro estava coberto de palavras-de-ordem, com mais um requinte: as cerdas de minha escôva de dentes tinham sido cuidadosamente pintadas de prêto. A escôva me foi exibida com expressões de uma satisfação especialmente maligna. No andar de baixo, a mesma sujeira e confusão se repetiam nas paredes e portas, com inscrições e cartazes.

Tendo completado a inspeção, disseram-me que juntasse os objetos de que precisava para minhas necessidades diárias, pois eu ia passar para o andar térreo. Apanhei a roupa de cama, ainda úmida da tinta preta, uma camisa, roupa de baixo limpa, lenços e um pijama. Pedi para entrar no meu escritório para apanhar uns livros, mas chamaram minha atenção rudemente para os lacres. Ali era tabu.

Havia quatro livros na minha cabeceira. Sem muita esperança, apanhei-os e fiz ver que queria levá-los comigo. *O Jôgo de Xadrez*, de Golumbek, passou sem problema; *O Verdadeiro Ioga*, de William Zorn, não despertou objeção; *Teoria e Prática do Comunismo*, de R. N. Carew Hunt, foi aprovada rapidamente, talvez porque a capa trazia o retrato barbudo de Karl Marx. (Na verdade, o livro põe a nu as insuficiências e falhas do comunismo.) Mas o quarto livro, *Doutor Jivago*, de Boris Pasternak, foi atirado na cama com um desdenho grunhido de recusa. Havia saído recentemente na imprensa chinesa

ataques a essa obra russa de "heresia revisionista".

Disseram-me que levasse minhas coisas para o andar térreo, para o quartinho que até então fôra usado para depósito e pelo meu chofer. Havia um pequeno beliche no qual êle descansava às vêzes no calor do meio-dia, mas o quarto era tão apertado que quase não cabia a cama. Ao lado havia um banheiro com privada.

Fui forçado a baixar a cabeça enquanto me tiravam fotografias. Depois o intérprete apareceu novamente para me dar instruções. Mais tarde descobri que êle estava repetindo o conteúdo do cartaz colado em minhas costas. Era a "sentença" daquele julgamento peculiar, a qual fôra mimeografada com horas de antecedência e trazida em grandes quantidades para empapelar a casa e a mim. Êle cuspi as palavras:

"Um: Você deve obedecer aos guardas. Dois: Você deve permanecer nesta áres determinada pelas massas. Três: Você deve respeitar os cartazes, fotografias e palavras-de-ordem colocadas na casa. Quatro: Você deve aguardar novas ordens do govêrno. As organizações aqui representadas são os Guardas Vermelhos e os Rebeldes Revolucionários da Fábrica nº 1 de Máquinas Fotográficas de Pequim, os Guardas Vermelhos das Escolas Médias e Primárias e todos os elementos proletários de Pequim."

Mas ainda não era tudo. Um Guarda Vermelho irrompeu através da multidão arrastando pelo soalho

o corpo de Ming Ming prêso na ponta de uma corda. Outro Guarda pintava de prêto a vidraça da janela para impedir a luz de entrar. Eu estava aturdido e via aquilo como de uma grande distância. Tudo tomava um ar de irrealidade.

Finalmente deixaram-me sòzinho. As tantas, fui ao banheiro para tentar lavar a tinta das minhas pernas e dos braços. Lembro-me de ter ficando muito tempo no meio do quartinho, totalmente exausto, mas incapaz, não sei por que motivo, de me sentar. Tinha a cabeça quase inteiramente vazia. Ao lado, onde fôra a minha sala de jantar, os guardas da Segurança Pública haviam instalado um escritório, onde montavam guarda.

Por fim estendi os lençóis sujos de tinta no encaroçado beliche, deixei-me cair nêle e, apesar do calor e da angústia, mergulhei num sono profundo.

Campanha de Terror

O HUMILHANTE tratamento que me foi dado era típico de uma demência que parecia ter-se apoderado de tôda a China em consequência da aberração mental coletiva denominada Revolução Cultural. Por meio dêsse movimento Mao Tsé-tung procurou insuflar um sentimento nôvo de dedicação total e ilimitada ao prosseguimento da revolução chinesa em cada homem, mulher e criança do país. E sua determinação não foi tolhida pelo fato de que, para conseguir seus objetivos, êle teria de

atacar e destruir grandes áreas do Partido Comunista Chinês.

A oposição a Mao materializou-se, concretizando-se sob a liderança do Presidente Liu Shao-chi, que durante 40 anos trabalhara e lutara ao lado de Mao para guiar a China no rumo do comunismo. Mas o mito de Mao na China é tão gigantesco que teria sido impossível derrotá-lo nessa luta.

Em agosto de 1966, vários meses antes de minha chegada à China, Liu Shao-chi—agora chamado o “Krushchev chinês” por causa das tendências revisionistas que lhe eram atribuídas—foi rebaixado na hierarquia do Partido do nº 2 para o nº 8. Alguns dias depois, realizou-se a primeira manifestação da Guarda Vermelha. Mais de um milhão de Guardas desfilaram pela Praça da Paz Celestial, sendo passados em revista por Mao.

Daí a pouco eles estavam invadindo as ruas e ganhando manchetes no mundo com uma campanha de terror contra os “elementos burgueses”. Em algumas escolas, Guardas Vermelhos matavam professores a pancada. Alguns destes teriam pulado das janelas dos prédios das universidades, suicidando-se. Estrangeiros viram elementos “burgueses e antipartidários” serem espancados na rua. Alguns Guardas Vermelhos, ao que se informou, foram mortos na confusão que se seguiu. Começara a histeria.

Na época em que eu cheguei à China, a situação era tão perigosa

que o Exército foi chamado a intervir. De fato, na minha viagem para Pequim eu vira em Cantão, pela primeira vez, soldados serem chamados para manter a ordem. Mas a situação foi piorando. Quando me puseram em prisão domiciliar, a resistência a Mao chegara ao auge com o seqüestro do Ministro da Segurança Pública em Wuhan, na China Central. Esse acontecimento e a crescente violência em todo o país criaram um estado quase de pânico na liderança maoísta em Pequim. Em contrapartida, ela insuflou propositalmente as manifestações anti-estrangeiras nas quais me vi envolvido. As desordens e prisões em Hong Kong, ocorrendo simultaneamente, serviram apenas para fazer dos ingleses em Pequim um alvo especial.

Finalmente, para completar as minhas complicações pessoais, o Ministério do Exterior, no mês de agosto, caiu sob controle de um extremista dos mais exaltados. Foi ele quem, ao que parece, ordenou a invasão da minha casa e o doloroso episódio do “avião-a-jato”. A luta interna e a confusão no Ministério chegaram durante alguns dias frenéticos a uma espécie de espasmo epilético na maneira dos chineses tratarem todos os estrangeiros no país.

Um novo membro do Ministério do Exterior foi arrastado a um julgamento público e teve de admitir a sua culpa: “Era um arrogante fomentador de perversidade em desafio à lei e um demônio.” Mais adian-

te uma influência moderada foi sendo gradualmente restabelecida no Ministério. Mas com relação ao meu caso não houve mudança.

Companheiros Diligentes

QUANDO acordei na manhã do dia 19 de agosto, tive pela primeira vez a plena consciência de quanto era restrita a área em que me cabia viver. Andando de um lado para outro, agitado, verifiquei que só podia dar oito passos e meio de uma extremidade do quarto até à outra, constituída pela parede do banheiro.

Tôdas as paredes estavam cobertas de slogans e numa delas fôra pendurado um retrato de Mao com uma legenda em inglês: "Viva o Presidente Mao." As janelas estavam pregadas com tábuas do lado de fora. Nos dois primeiros dias eu não dispus de nenhum ar fresco. Depois fizeram numa janela uma abertura de alguns centímetros.

Eu tinha de fazer minhas refeições curvado na ponta do meu beliche, comendo de uma bandeja colocada no assento de uma cadeira. Não me deram mesa. Eu continuava a pagar pela minha comida (assim como o aluguel de casa), mas minha alimentação passou a ser rigorosamente racionada. De manhã eu comia um pouquinho de ovo mexido, torrada e café simples. O almoço: legumes, sopa, pão. A título de jantar davam-me um pedacinho de peixe ou de carne, mas nada de manteiga, fruta, queijo ou leite. Perguntei ao cozinheiro por que me davam aquela

comida. Êle apontou para os escritos na parede e falou apenas: "Êles dizem!"

Embora eu não sofresse de claustrofobia no sentido médico, rapidamente descobri que devia orientar minha mente para coisas de fora daquele cubículo, para conseguir viver nêle sem enlouquecer. Anotei no meu diário: "Tenho feito o que posso para me manter ocupado. Estou praticando ioga. Recordei o meu tempo de colégio e os nomes de todos os meus colegas. Recordei onde estava em certos dias, há muitos anos. Li *Teoria e Prática do Comunismo* uma vez e meia e leio constantemente o livro de xadrez."

Os guardas me mantinham sob constante vigilância da porta. Caminhando diante dela de um lado para outro, inventei uma brincadeira a que dei o nome de Passa-e-Olha. O objetivo era dar uma espiada no guarda sem que êle me fitasse diretamente nos olhos. Isto era possível, pois freqüentemente êle estava lendo o *Diário do Povo* ou a *Bandeira Vermelha* não erguia os olhos. Inventando um sistema de pontos, eu me tornei alternadamente o time A, B, C e D e arranjei competições entre êles.

Aprendi de cor os nomes das 18 posições de ioga, que praticava diariamente. Depois tentei recitar a lista de cor, cada vez mais depressa, repetindo-a sem parar, conferindo o tempo no meu relógio e muitas vêzes suando com o esforço. Outra diversão foi rebatizar os dias da semana

e escrevê-lo no meu diário. Lembrando essa época, vejo que eu tinha adotado inconscientemente o estilo lírico chinês dos nomes próprios. Eram os seguintes: segunda-feira—Dia do Otimismo; terça-feira—dia da Possibilidade; quarta-feira—Dia da Esperança; quinta-feira—Dia da Expectativa; sexta-feira—Dia da Vontade Indomável; domingo—Dia da Confiança Inesgotável. À medida que passavam as semanas, eu acrescentava novos adjetivos a êsses nomes básicos, e escrevi no meu diário: “Êste expediente ajuda um pouco.” Mas, inexoravelmente, fui-me tornando mais desalentado e cada vez me sentia mais impelido a procurar maneiras de passar os dias.

Uma manhã, quando eu estava sentado desanimado no meu beliche, chamou-me a atenção um pequeno movimento num canto do quarto. Uma formiga. O bichinho estava forcejando para suspender uma asa de maripôsa por entre rachaduras e buracos das lajes do assoalho. Olhei para aquilo fascinado. Por sobre as montanhas e declives do assoalho desigual, ela avançava com um propósito inabalável, e afinal chegou ao canto próximo à porta fechada, que dava para o exterior. Ali deixou sua carga e desapareceu por um buraco.

Momentos depois, várias companheiras emergiam com ela. Como uma turma que faz mudanças de móveis, foram introduzindo trabalhosamente a asa, pedaço por pedaço,

na entrada do seu lar. Eu contemplava, absorto, e quando me levantei de minha postura encurvada reparei, com alegria, que uma hora tinha decorrido. Ter passado tanto tempo sem pensar em meu cativeiro era um prazer surpreendente.

Desde então levei muitas horas observando as formigas na minha cela. Coloquei migalhas de pão em linha a alguma distância do buraco, e esperei que os insetos limpadores viessem buscá-las. Frequentemente eu comparava os feitos das formigas, enquanto, em número de três, quatro ou às vezes cinco, elas disputavam entre si quem levaria a carga mais depressa até ao ponto final. Eu fazia apostas mentais, aborrecendo-me quando uma que eu havia escolhido me decepcionava.

Lembro-me de um dia ter acompanhado com raiva crescente quando o animalzinho que eu escolhera repetidamente tentava arrastar sua migalha por uma fenda entre dois ladrilhos. Levantava-a, puxava-a, mas afinal se via vencida pela intensidade do esforço e era preciso começar tudo de novo.

“Não posso suportar a estupidez”, murmurei furiosamente para a fracassada formiga. “Se você não der alguma demonstração de aprender com os seus erros, terei de matá-la.” Eu estava irrazoavelmente transtornado com o seu comportamento. Ela, porém, prosseguiu em suas infrutíferas tentativas. De repente levantei-me, esmaguei com o pé o pobre bicho e comecei a andar de um

lado para outro, o meu espírito novamente deprimido pela minha desventura. À medida que caminhava, comecei a sentir um intenso arrependimento. Afinal, as formigas eram os únicos sêres da minha existência. Como poderia esperar do mundo um tratamento razoável e humano quando eu próprio me mostrava tão sádico? Durante várias horas fiquei acabrunhado pelo remorso.

“Mata! Mata!”

A MEDIDA que os dias se escoavam lentamente, eu imaginava com frequência o que estaria fazendo o Governo inglês para resolver minha situação, e invejava os meus amigos que viviam no que eu considerava a segurança da Missão diplomática. Sem que eu soubesse, entretanto, êles também lutavam nas mãos das hordas dos Guardas Vermelhos, aterrorizados e acuados, enquanto o Ministério do Exterior de Pequim continuava a usar a violência da multidão contra os residentes estrangeiros. Só mais tarde é que vim a saber de tôda a história.

As dificuldades para os ingleses atingiram o clímax na tarde de 22 de agosto. Uma multidão de cerca de 200 manifestantes reuniu-se diante da Missão e, quando qualquer diplomata tentava sair, os guardas do Escritório da Segurança Pública, no portão, diziam não poder responsabilizar-se pela vida dêles. Assim, os do lado de dentro estavam na verdade sitiados.

À noitinha chegaram à conclusão de que os 18 homens e cinco mulheres teriam de passar a noite ali. Preparou-se uma refeição improvisada e arrumaram-se camas nos escritórios. Cêrca das 10h30min da noite um dos homens que vigiavam a rua através de uma pequena abertura no muro da frente viu que a multidão crescera muito. Mas, estranhamente, estavam sentados em filas na rua, ouvindo um discurso de um dos seus líderes. No andar de cima, Sir Donald Hopson, o Encarregado de Negócios da Grã-Bretanha, e mais três colegas jogavam bridge. Hopson estava em meio a uma jogada quando fêz uma pausa para espiar pela janela. Naquele momento viu a multidão—talvez umas 10.000 pessoas—pôr-se de pé e, num movimento crescente, avançar contra o portão. Nervosamente Hopson gritou: “Êles estão invadindo!”

A multidão pulou por cima dos portões e muros da Missão, brandindo barras de ferro, martelos, paus e outras armas. Diplomatas comunistas da Europa Oriental tinham visto alguns dos manifestantes carregando tambores de petróleo pelas ruas e tentaram telefonar aos ingleses para avisá-los. Mas os fios tinham sido cortados uns 90 minutos antes de começar o ataque. Havia outras provas de um cuidadoso planejamento da parte dos chineses: carros de bombeiros tinham estacionado nas proximidades; e um pôsto de comando com

painéis e luzes elétricas havia sido instalado na esquina para coordenar a operação conjunta das diversas organizações da Guarda Vermelha.

Todo o prédio dali a pouco ressoava com o assalto dos Guardas Vermelhos, que martelavam nas portas e nas persianas de madeira das janelas, gritando: "Sha! Sha! (Mata! Mata)" Era evidente que as defesas externas não iam agüentar.

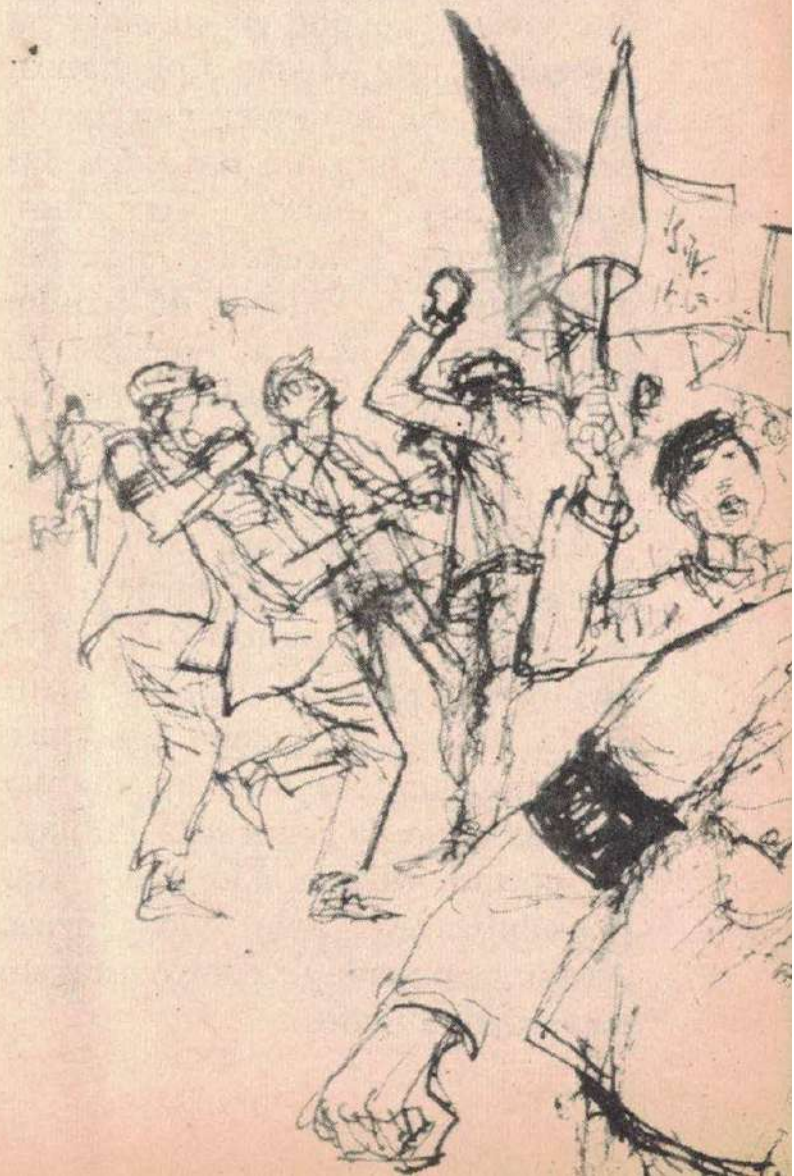
As sedes das missões diplomáticas têm invariavelmente uma área de segurança máxima construída em seu interior, geralmente uma sala fortificada no centro do prédio, onde se guardam arquivos confidenciais e objetos de valor. Ao grito de Hopson, todos começaram a encaminhar-se para lá. Depois de entrarem, empurraram grandes arquivos de metal contra as portas de ferro e apagaram a maior parte das luzes.

Radiotelegrafistas, trabalhando em transmissores de emergência, mandavam mensagens para Londres anunciando a invasão; mas, descobriu-se mais tarde, duas antenas do prédio tinham sido cortadas, e nem uma palavra foi transmitida. A última mensagem recebida na Inglaterra foi: "Eles estão invadindo!" Seguiu-se o silêncio, e durante muitas horas de suspense nada se soube sobre o destino dos que se encontravam na Missão.

Os manifestantes tinham trazido consigo efígies e mais material in-

flamável que amontoavam junto das janelas do andar térreo, ateadolhes fogo. Daí a pouco uma grande parte do edifício estava em chamas. O quarto em que os 23 se achavam engaiolados começou a encher-se de fumaça e a respiração ia-se tornando difícil. Enquanto isso, os atacantes punham-se a trabalhar com marrêtas e pareciam prestes a irromper na sala a qualquer momento. Hopson deu ordem de abrir a porta da saída de emergência e iniciou a retirada.

"Daquele momento em diante", disse um dos que seguiram Hopson, "nossa recordação dos acontecimentos é confusa devido ao fato de estarmos apanhando muito. Lem-



bro-me de Sir Donald inclinándose repentinamente para um lado, com o sangue a lhe escorrer de um ferimento no rosto. Aí, foi mais ou menos cada um por si. Golpes choviam em cima de nós de todos os lados.”

ALGUMAS das mulheres eram agarradas pelos cabelos. Guardas Vermelhos levantavam-lhes os vestidos até o pescoço e submetiam-nas ao que um diplomata chamou “a lasciva inspeção dos dedos”. Algumas môças da Guarda Vermelha experimentavam um prazer perverso em causar dor aos homens agarrando-os pelos testículos enquanto os obrigavam a marchar.

Afinal, foram empurrados através da multidão para fora dos portões e para a rua. Aí chamaram os soldados que, teòricamente, deviam protegê-los. Um do grupo recorda o momento: “Éramos um espetáculo lastimável, com as roupas em frangalhos, o suor escorrendo do rosto, tendo passado o maior susto, talvez, da nossa vida. Apoiámo-nos contra a parede, como bêbedos, enquanto os soldados afastavam a multidão aos murros.”

Os soldados acabaram trazendo um caminhão e formaram em duas linhas, abrindo um tósco corredor até ao veículo. Depois ordenaram aos exaustos membros do grupo que passassem curvados por entre



as linhas para não serem vistos.

Por fim o grupo foi levado de volta à sede diplomática. Todos apresentavam ferimentos e contusões e um deles fôra tão violentamente espancado que teve de ficar de cama duas semanas. Hopson parecia ser o mais ferido de todos. O sangue lhe corria de um ferimento da cabeça, cobrindo-lhe a camisa e o paletó. Fizeram-lhe um curativo de emergência. Felizmente, o ferimento não era grave.

Quando o Encarregado de Negócios voltou à sua residência, verificou que o prédio tinha sido saqueado e o conteúdo de todos os quartos incendiado. A própria chancelaria era um caos completo. Ainda hoje a sede da Missão permanece naquele estado: uma ruína carbonizada em Pequim.

Uma Refeição Memorável

FUI MANTIDO durante exatamente 77 dias num cubículo de dois metros e meio de lado. Aliás, êsse período foi curto em comparação com o meu confinamento total; mas em minhas memórias êle permanece como um tempo de duro desconforto físico e mental. Meu diário naquelas semanas contém trechos que são ilógicos, contraditórios e desconexos:

Depois do café da manhã sentei-me no meu beliche e cantei canções de *West Side Story*. Cantei bem e melodiosamente, pensei eu.

Foi uma experiência feliz. Depois andei para um lado e para o outro durante duas horas. Joguei um emocionante jogo de Passa-e-Olha.

Tomei consciência muito nítida da fraqueza e do desamparo do indivíduo sozinho, e voltei-me para Deus mais do que em qualquer outra ocasião. Rezo duas vezes por dia pela libertação.

Esta noite fui vencido pelo desespero. Lamentações como "Isto é o inferno na terra" e "morte viva" têm-me escapado dos lábios. Parece que nunca mais sairei desta terrível prisão. Em certos momentos eu me sinto à beira da loucura. Ó meu Deus, que vai ser de mim?

Por fim, terminou o meu tempo naquele cubículo. No dia 3 de novembro fui transferido para o escritório do meu ex-tradutor, que ficava junto da minha cela. Mantinham-me ainda prêsso, mas êsse novo quarto tinha cerca de três metros e meio de lado e duas janelas, uma dando para o pátio. As paredes apresentavam uma confusão de slogans, completados com retratos coloridos de Mao Tsé-tung, mas eu ganhei uma cama nova, trazida de cima, e uma mesa onde podia fazer minhas refeições.

Então, no dia 14 de novembro, pela primeira vez, desde que os Guardas Vermelhos tinham invadido a casa, eu pude sair para o maravilhoso ar livre do pátio. Permitiram-me passear ali durante 30 mi-

nutos. O pátio tinha uns 22 passos de comprimento.

Mas os dias continuavam vazios. Tôdas as noites ao fazer a minha ceia solitária eu olhava para o peitoril da janela e imaginava ali uma fileira de livros. Estava ansioso por ler, tão desesperado que qualquer pedacinho de coisa escrita era um presente do céu. Uma tarde, no banheiro, notei um envoltório de borracha em redor de uma garrafa de líquido antisséptico, que tinha sido trazido de cima. Inserida do lado de dentro, nas costas, havia uma pequena bula. Meu primeiro impulso foi lê-la imediatamente. Mas contive-me, resolvendo guardá-la para a hora do jantar.

Gripe: Como medida de precaução durante as epidemias, use de manhã e à noite.

Para lavar a bôca: Use diàriamente, diluído em cinco partes de água.

Foi uma refeição memorável!

Desespêro

FICAR na cama à noite tentando não ouvir a batida regular do próprio coração. Procurar não admitir que a qualquer momento podemos experimentar uma tremenda dor e morrer. Suar ligeiramente ao tentar vencer essa obsessão.

Tentar não engolir a saliva que se acumula na bôca a todo o momento. Tentar não estabelecer um ritmo implacável que nos faça engoli-la a todo o momento pelo dia

afora. Tentar fazer alguma coisa que nos leve a esquecer de engolir, mas descobrir que quanto mais força fazemos para evitá-lo, mais frequentemente engolimos. Tentar convencer-nos que é de todo impossível para um ser humano suicidar-se durante o sono.



Mas não obstante pensar que, à medida que a desgraça se aprofunda em dimensões inimagináveis, o desejo de sair dela há de vencer, durante o sono, e o nosso corpo se dirige ao banheiro e tira da prateleira uma lâmina de barbear... E acreditar nisso bastante para guardar cuidadosamente tôdas as lâminas.

Tudo isso eu senti depois de sete meses de isolamento sob guarda permanente. Durante o mês de fevereiro de 1968 fui caindo em pe-

ríodos cada vez mais prolongados de depressão.

Tôda noite, enquanto eu me esforçava para dormir, ouvia através da porta cada estalo da cadeira do guarda, cada ruído do seu jornal, cada vez que êle fungava ao sorver a água da sua caneca de estanho. Ouvia-o quando êle bocejava ou quando arrotava. Os barulhos produziam na minha mente um tormento do qual eu não conseguia livrar-me.

E durante o dia, quando me eram permitidos passeios de 40 minutos, de manhã e à tarde, eu tinha de suportar os olhares intermináveis dêsses mesmos guardas. Eu olhava para as janelas cinzentas do pátio; olhava para o céu; para os botões dos blusões dos guardas; olhava para lugar nenhum. Cheguei mesmo a enfrentar os olhares dos guardas para mostrar que não estava acovardado. Mas era uma busca infrutífera: os olhos dos guardas estavam sempre fixos em mim, hostis, desdenhosos.

Comecei a perder o contrôle. Durante o meu passeio, um dia, desafiei o sinal do guarda para voltar ao meu quarto e atravessei o pátio uma vez mais. O chefe dos guardas ficou enfurecido e no dia seguinte, como castigo, proibiram-me de sair.

Alguns dias depois, quando eu tentava dormir, o guarda à minha porta começou a lixar a boquilha do seu cachimbo. No silêncio da noite aquêle arranhar irritante, insistente, criou em mim uma ten-

são que cnegou ao paroxismo. Eu estava resolvido a evitar qualquer incidente com os guardas. Mas aquêle arranhar não acabava nunca e, de repente, perdendo a cabeça, corri até à porta, abri-a e berrei: "Pare com êsse maldito barulho!"

O guarda ficou boquiaberto de espanto. Voltei para a cama tremendo da cabeça aos pés. Não consegui mais dormir. Na manhã seguinte houve uma sindicância, atuando o cozinheiro como intérprete. Mas seu inglês de cozinha revelou-se tão inadequado que eu escapei sem perder o direito ao meu passeio.

Nessa altura, tôdas as fibras do meu corpo rejeitavam alimento e sono. Na hora das refeições eu me sentava à mesa, com a cabeça nas mãos, incapaz de comer. Não ousava definir com precisão os meus pensamentos no meu diário, temendo que expressá-los por escrito pudesse torná-los perigosos. Mas as páginas daquele mês estavam cheias de frases como: "... às vêzes tenho mêdo de enlouquecer... minha mente vive cheia de preocupações de como agüentar isto... esta manhã senti uma tremenda necessidade simplesmente de ver e conversar com alguém..."

O clímax chegou no dia 24 de fevereiro, que se revelou decisivo. Anotei no meu diário: "A depressão dos dois ou três últimos dias atingiu esta manhã proporções imensas. A idéia de pedir para me

deixarem sair dêste quarto me dominou a mente, e sinto-me completamente arrasado. Há dois dias que não tenho vontade de comer absolutamente nada no café da manhã.”

O que aconteceu depois permanece vividamente gravado em minha memória. Rezei alguns momentos, num desespero incontido; depois, deixando intacta a comida, vesti resignadamente meu casaco de pele de carneiro para esperar o sinal de saída. Mas, quando veio o sinal, meu estado de espírito mudou súbitamente. Comecei a amaldiçoar-me: “Lute, seu miserável, lute!”

Xinguei-me com palavrões. Depois apanhei uns pedaços de ovo mexido e enfiei-os na boca. Comida era a última coisa do mundo que eu queria, e tive de empurrá-la pela garganta abaixo como se fôsse um empalhador enchendo uma pele de animal.

Mais tarde, no pátio, continuei a me invectivar. Transformei meu confinamento solitário de sete meses numa palavra-de-ordem: “Sete Meses de Determinação.” Determinação, e nada mais, era a chave para evitar a desonra de um colapso nervoso. Eu não havia de ceder, e havia de agüentar de pé até o fim daquela maldita história.

O susto de têr chegado tão perto de um alarmante colapso nervoso me fêz decidir não resvalar de nôvo. Depois disso nunca me permiti pôr a cabeça nas mãos em atitude de desespero. Cada vez que a desespere-

rança e a desolação cresciam, eu as continha conscientemente antes que me dominassem.

Adoração de Mao

O PERMANENTE sentimento da presença de Mao Tsé-tung era sufocante. Cada manhã, por exemplo, eu me levantava com os guardas cantando “O Oriente Vermelho”. Êsse hino contém os seguintes versos: “A China é guiada para a frente por Mao Tsé-tung. Êle é o grande salvador do povo.”

Quando acabavam de cantar, os guardas se dedicavam à leitura dos livrinhos vermelhos que todos traziam consigo: *O Pensamento de Mao Tsé-tung*. O chefe dos guardas proclamava que Mao era para êles o grande mestre, o grande chefe, o grande comandante supremo, o grande timoneiro”. Depois recitava em chinês uma frase que não me sai da memória — “*Mao chu hsi chiao tao wo men*” (O Presidente Mao nos ensina) — e todos juntos, em duas filas, olhando reverentes para o retrato de Mao, os guardas repetiam a frase. Isso era seguido de sessões do que chamavam “estudo dos pensamentos de Mao”. Essa rotina continuava o dia todo e às vêzes entrava pela noite adentro.

Não era só em Pequim que se fazia isso. “O Oriente Vermelho”, por exemplo, é cantado em fábricas, escolas, comunas rurais e em qualquer lugar da China onde se

reúnem pessoas para começar o dia. Quando atravessei a fronteira da China, meses antes, vindo de Hong Kong, eu pudera observar êsse culto a Mao. A primeira estação ferroviária do lado chinês estava coberta de cartazes que o exaltavam, e canções em seu louvor eram irradiadas pelo alto-falante.

Em Cantão, onde eu tinha feito uma breve parada antes de seguir para Pequim, havia de nôvo slogans por tôda parte, e em tôdas as casas havia um retrato do líder chinês. As estradas viviam cheias de bicicletas, a maior parte delas trazendo pregada no guidom uma plaquinha vermelha com uma citação dos escritos dêle.

O trem para Pequim ostentava um vasto retrato de Mao à frente da locomotiva e cada vagão, naturalmente, era decorado com as fotos onipresentes. Um alto-falante no corredor do meu vagão mantinha um constante fluxo de louvor e exaltação, exceto nas horas de dormir, e havia em cada compartimento um alto-falante que podia ser abaixado, mas não desligado.

Mesmo no interior, junto aos arrozais, onde camponeses descalços patinhavam, cavavam, plantavam ou carregavam terra para novos diques, observei que os arbustos tinham fotografias de Mao Tsé-tung pregadas nêles. Numa montanha, a vários quilômetros do trem, vi esculpado o lema habitual: "Viva o nosso grande chefe Mao Tsé-tung!" Tinha sido inscrito em

caracteres chineses que deviam ter cinco a 10 metros de altura.

Quanto ao personagem legendário em si, eu o avistei uma vez em Pequim antes de ser prêso. Era o dia 1º de maio de 1967, atrás de três cerradas fileiras de soldados do Exército de Libertação Popular.

No momento em que um jipe dobrou a esquina, os jovens que estavam a meu lado ficaram como que alucinados. Pulando, gritando, uivando, acenando com seus livrinhos vermelhos, êles investiram contra a barreira de soldados. Desesperadamente eu tentei manter-me firme em meio à confusão: tinha uma máquina de filmar comigo, mas tão grande foi a comoção à passagem de Mao—impressionante na sua postura ereta—que nem pude focalizá-lo.

Logo que êle passou, os assistentes semi-histéricos foram acompanhando a comitiva e concentraram-se em redor da Porta da Paz Celestial, para ver se êle aparecia de nôvo. Meia hora, e nada acontecia. De repente, um bonito rapaz chinês de uns 18 anos, que estava diante de mim, voltou-se e perguntou, para minha grande surpresa:

—O senhor não é inglês?

Eu disse que era. Raramente se encontra quem fale inglês na China e eu dei tratos à bola para encontrar alguma coisa a dizer para manter uma conversa com o rapaz. Afinal, perguntei, meio sem jeito:

—Desculpe, mas por quem é que você está esperando aqui?

—Pelo Presidente Mao Tsé-tung, naturalmente.

—Por quê?—insisti.

—Porque eu amo o Presidente Mao Tse-tung—disse êle calmamente.

Era evidentemente verdade, e aquêlê encontro me deixou uma impressão mais viva do que qualquer propaganda oficial.

Natal na Prisão

MEU confinamento solitário durou, ininterruptamente, 249 dias. Depois recebi uma visita de 20 minutos de Sir Donald Hopson e do segundo secretário John Weston.

A visita foi uma concessão em troca da visita de representantes chineses a 15 jornalistas comunistas presos em Hong Kong. Hopson começou por ler uma mensagem de minha mãe e outra do diretor-geral da Reuters. Fiquei especialmente contente ao ter notícias de minha mãe, pois sòmente duas das muitas cartas dela me haviam sido entregues.

Ver as primeiras caras amigas em nove meses foi uma experiência comovedora, mas também amargamente decepcionante, pois Hopson não tinha nada de concreto a me contar. Só pôde dizer: “Embora a sua libertação não esteja prevista para já, as coisas estão melhores agora do que há nove meses.”

Eu soube que o Secretário do Exterior, George Brown, tentara duas

vêzes sem êxito trocar-me por Hsueh Ping, o primeiro homem da Agência Nova China prêso em Hong Kong. Interpretei êsse fracasso como significando que eu não estava mais vinculado a um homem, mas aos 15 presos em Hong Kong, e provàvelmente não sairia enquanto êles não saíssem. Fiquei zangado e ressentido com isto—e no entanto era maravilhoso ver os meus compatriotas, com seus ternos e gravatas coloridos, suas fisionomias inglêsas.



Logo que partiram, o meu isolamento prosseguiu, mas com uma diferença importante. Poucos dias depois da visita, perguntei se podia escrever cartas para casa, privilégio que até então fôra negado. Depois de uma breve espera, disseram-me que eu podia escrever uma carta por mês, para minha mãe ou para minha “espôsa”. (Embora constasse oficialmente que eu não era casado, minha namorada Shirley McGuinn me escrevia frequentemente. A maior parte das cartas dela foi devolvida, mas, graças à sua persistência, ela conquistou o direito de receber notícias minhas.)

Sob outros aspectos, a linha dura foi reforçada. Durante o inverno eu tivera o direito de abrir uma janela, se quisesse; agora que o verão se aproximava, um carpinteiro veio pregar as janelas. No auge do calor de Pequim, eu ficava sentado, imóvel, na minha cadeira de

encôsto duro, o suor escorrendo por todos os poros.

Para ocupar minha mente de maneira construtiva, resolvi inventar palavras cruzadas e escrever contos. Tive o cuidado de evitar ser observado, pois preocupava-me que aquêles material—especialmente o meu diário—pudesse cair nas mãos dos comunistas. Eu escondia os papéis, mas, fôsse por que fôsse, nunca me revistaram e eu consegui levar todos os meus escritos quando fui solto.

Mais tarde, comecei a aprender o chinês escrito. Resolvi fazê-lo depois de ver os ideogramas que representavam o meu nome ou “Hong Kong”, ou “jornalistas”, no *Diário do Povo* de Pequim, que o cozinheiro freqüentemente deixava ao trazer minha comida. Incapaz de compreender mais, senti-me cheio de curiosidade e apreensão. Assim, durante quatro meses de trabalho, aprendi de cor cêrca de 1.200 caracteres chineses e tornei-me capaz de ler a língua.

Eu sempre esperara que o outono me trouxesse a liberdade. Numa de suas cartas, Shirley conseguira, através de uma alusão inteligente, indicar que Hsueh Ping devia ser solto em novembro se conseguisse a comutação de oito meses em sua sentença de dois anos. Essa sorte eu não tive, entretanto. E no dia 26 de novembro—217 dias

depois que vira pela última vez rostos amigos—a porta se abriu mais uma vez para deixar entrar Percy Cradock, Encarregado de Negócios britânico em exercício. Ele disse inicialmente que tinha algumas mensagens para mim, mas eu atalhei: “Antes que o senhor as transmita, diga-me se há alguma possibilidade de eu sair daqui. Estou prêso há 16 meses, e recados platônicos não me interessam.”

Cradock disse que as coisas estavam melhorando, e novamente eu intervim: “Foi o que me disseram há sete meses atrás!”

Sentei-me de nôvo na minha cadeira, certo de que da visita pouco resultaria de concreto para mim.

Soube que alguns jornalistas comunistas tinham sido soltos em Hong Kong, mas que vários ainda estavam presos. E quando sairia o último? Cradock fingiu que estava pensando no assunto por algum tempo. Afinal, disse acreditar que tudo estaria encerrado em 1971. Involuntariamente, murmurei: “Oh, meu Deus!”

Percebendo que pouco tinha a perder, revelei pela primeira vez os detalhes do tratamento que me era dado. (Na visita anterior de Sir Donald Hopson eu mantivera silêncio, temendo represálias.) Cradock transmitiu para Londres essa informação, que foi publicada com destaque pelos jornais. Depois de descrever as condições de minha prisão, Cradock concluiu com uma frase

que correu mundo nas manchetes: "Ele vive num vácuo."

O enderço de minha prisão individual também foi divulgado e, em conseqüência, cerca de 3.000 cartões de Natal chegaram pelo correio para o nº 15, Nan Chitze, Pequim, naquele mês de dezembro. Na maior parte, vinham da Inglaterra, mas centenas procediam também da Austrália, Estados Unidos, França, Alemanha, Bélgica, Índia e Paquistão. Eu não tive conhecimento disto na ocasião porque nenhum deles me foi entregue no Natal. Mas os cartões tiveram o seu impacto no duro coração da alta burocracia comunista porque naquele Natal ocorreu um pequeno ato de generosidade de parte de meus carcereiros, que não tinha outra explicação.

Eu pedira para mandar telegramas à minha mãe, a Shirley e à Reuters. A permissão me foi dada na véspera do Natal. Entreguei os textos ao cozinheiro para levá-los aos guardas na sala ao lado. Logo êle voltou, gesticulando. Depois de vários minutos de mímica, percebi o que êle queria. Dobrei uma folha de papel, coloquei-a de pé em cima de uma mesa e êle concordou ansiosamente. Ofereciam-me a oportunidade de mandar cartões de Natal!

"Eu vou comprar", disse o cozinheiro. Dei-lhe o dinheiro e daí a pouco êle estava de volta com uma dúzia de cartões de Natal em chinês. Um, para meu espanto, era diferente dos outros. Representava, em cores vivas, a nuvem em forma de co-

gumelo da explosão de uma bomba de hidrogênio. Debaixo, em caracteres chineses, estava escrito: "O pensamento de Mao Tsé-tung é uma bomba atômica espiritual."

Não pude deixar de rir diante de um cartão tão ridículo aos nossos olhos. Desejei mandá-lo ao Primeiro-Ministro Harold Wilson, com o simples texto: "Feliz Ano Nôvo—ou senão..." Mas havia pouca chance de isto passar pela vigilância de Pequim. Assim, mandei-o à Reuters, apenas com uma mensagem pessoal.

806 Dias

EM FINS de maio de 1969, a porta de meu pátio se abriu e entrou uma turma de homens carregando tábuas nas quais vinham grandes folhas de lixa. Enquanto eu olhava numa ansiedade crescente, os slogans chineses de meio metro pintados em prêto na parede fronteira à minha janela foram desaparecendo em meio a nuvens de poeira e areia. Era a primeira indicação, em quase dois anos, de que meu confinamento poderia terminar breve.

Depois a turma entrou para dentro de casa e no dia seguinte estava de volta com latas de tinta branca e broxas para completar o trabalho. Finalmente, a 30 de maio, um intérprete do Serviço de Segurança Pública entrou em meu quarto e me informou de que dali por diante, durante um período de três horas por dia, eu poderia usar o andar

superior da casa.

A retirada dos slogans e o alívio no meu estrito confinamento, como eu soube mais tarde, foram o resultado direto de reduções nas sentenças dos prisioneiros comunistas em Hong Kong, inclusive um que era vital para minha liberdade—um homem chamado Wong Chak, cuja pena devia terminar em fevereiro de 1971. Com a comutação, êle deveria ser libertado em outubro de 1969.

Em minha primeira subida ao andar de cima, em quase dois anos, recuperei o meu rádio portátil—que ainda funcionava—e consegui sintonizar uma transmissão em língua inglêsa. Afora as duas visitas de diplomatas britânicos, era a primeira vez em 22 meses que eu ouvia falar inglês. Mas quase não conseguia entender uma palavra! Eu captara uma transmissão da estação das Fôrças Norte-Americanas em Tóquio, que estava informando sobre o último jôgo de beisebol dos Dodgers. Aquilo era grego para meus ouvidos não iniciados.

O 21 de julho foi um dia notável e não só porque marcava o segundo aniversário de minha prisão domiciliar. Naquela úmida manhã de Pequim, com meu ouvido colado ao rádio, ouvi as memoráveis palavras de Neil Armstrong ao dar o seu primeiro passo na Lua. Nunca se revelou aos 750 milhões de chineses no vasto país em redor de mim êsse feito histórico.

Afinal, em 3 de outubro de 1969, Wong Chak foi sôlto e no dia seguin-

te eu fui convocado ao Ministério do Exterior. Minha prisão domiciliar havia terminado, disseram-me. Eu estava livre pela primeira vez em 806 dias.

Naquela mesma noite, durante um banquete oficial, Chou-En-Lai disse ao ministro britânico, John Denson, em inglês:

—Bem, Grey saiu. Está livre.

—Sim—replicou Denson—mas não saiu da China.

—Êle pode ficar, se quiser—disse Chou, displicentemente.

Cinco dias depois eu partia para Londres.

Prova Eloqüente

LOGO depois de minha chegada, fui convidado a avistar-me com o Ministro do Exterior britânico, Michael Stewart. Durante todo aquêle tempo êle tivera o poder de mandar soltar os jornalistas comunistas em Hong Kong e, assim, libertar-me imediatamente. Alguns jornais inglêses, em editoriais, tinham feito campanha nesse sentido e criticado Stewart por não tomar a medida.

Fôra uma decisão difícil, disse-me êle. Houvera desordens em Hong Kong, e êle achava que pôr em liberdade os homens condenados iria criar novas ameaças à segurança da colônia. “Não espero que você concorde com a decisão”, disse-me. “Mas fazia questão de dar-lhe esta explicação.”

Respondi que, como êle antecipara, eu não concordava. Eu era um

prisioneiro inocente que sofrera confinamento solitário. Mas aquilo já passara, e eu não achava que as recriminações adiantassem alguma coisa. Aquêles a quem cabe tomar tais decisões enfrentam um tremendo dilema, especialmente se os preços a pagar são altos. A política do govêrno, no meu caso, parecia ser a de esperar bastante para dissuadir o outro lado a fazer a mesma coisa novamente.

Já se disse que os países ocidentais só têm a perder nesse tipo de barganha de reféns com cínicos Estados comunistas. Talvez seja verdade. Mas para nações que prezam os seus princípios humanitários, é uma desvantagem de que se podem orgulhar.

Sem dúvida o aspecto mais comovente do meu regresso foi descobrir que muitas pessoas em várias partes do mundo tinham-se interessado profundamente pelo meu destino. Nas minhas primeiras semanas de liberdade recebi centenas de cartas descrevendo o que fôra feito para tentar ajudar-me, através de orações, de cartas a parlamentares, a Embaixadas chinesas e ao Govêrno de Pequim. Numa escola religiosa de Londres, cada menina me escreveu uma carta pouco antes de minha

libertação. As mensagens eram alentadoras: “Desde que a nossa professora nos disse que o senhor estava prêso na China, nossa turma rezou pelo senhor tôdas as manhãs... O senhor pode pensar que ninguém se lembra ou se incomoda com o senhor, mas não é assim, estamos nos lembrando sempre.”

Uma pessoa escreveu de Gloucestershire: “... Você se tornou membro de uma enorme família, em que todos procuram ajudá-lo.”

E no Natal muita gente que havia mandado cartões para Pequim no ano anterior tornou a mandá-los, sabendo que desta vez eu os receberia.

Freqüentemente, duas palavras me ocorriam naquele cubículo em Pequim: “Nada importa!” Nos momentos de desespero, eu as repetia incessantemente. Se eu rolasse pela escada abaixo e quebrasse o pescoço —pensei comigo mesmo—ou se pusesse têrmo à minha própria vida, tudo não teria nenhuma consequência. Mas os cartões e as cartas que recebi naquele Natal foram uma prova eloqüente de que a vida sempre importa—e muito.

(Tradução de Moacyr Werneck de Castro)



A vida jorra como um gêiser para aquêles que perfuram a rocha da inércia.

—Alexis Carrel